

Os historiadores em Borges e Piglia

Mateus Cavalcanti Melo⁷⁵

Resumo: Nos últimos anos, já se é debatido na academia, seja nas letras ou humanidades, as representações e espelhamentos da realidade histórica que podemos obter através da ficção. Com a ficção literária, não é diferente. Muitas vezes os romances, por mas que nem sempre ligados a “veracidade dos fatos” ou ao “rigor dos métodos de pesquisa” nos transportam com muito mais impacto e verossimilhança para algum momento de nosso passado, ou à algum lugar obscuro de nossos costumes e cultura em sociedade. A literatura já é amplamente utilizada como fonte para pesquisas historiográficas; seja para analisar e representar o “espírito de uma época”, ou costumes que por nós foram perdidos; seja para representar futuros que foram imaginados e utopias inalcançáveis, ou para evidenciar “a vida como ela é” (ou era, em um determinado tempo). O seguinte trabalho se propõe em pegarmos à via de contramão; não se trata apenas de olharmos para os textos literários e analisarmos como esses representam à história, mas sim, de tentar entender como que os literatos concebiam a produção de um texto/pesquisa históricos. Como são representados, afinal, os historiadores? Para isso partirei da análise de dois escritores argentinos, Jorge Luís Borges, em três contos específicos; e Ricardo Piglia com sua *respiração artificial*.

Palavras-chave: Borges, Piglia, historiadores

A presente comunicação oral parte de uma ideia para um projeto de pesquisa de doutorado em história, que ainda está em processo de elaboração. Busco demonstrar as formas de *representação* que alguns escritores consagrados do mundo ocidental, e do século XX, fizeram acerca dos *historiadores* em suas obras literárias. Ao longo do século XX, e principalmente após os avanços teóricos e de campus de pesquisa da Escola do Anales, a literatura vem ganhando cada vez mais sua importância como uma *fonte* muito valorosa para as pesquisas historiográficas. Como nos lembra a historiadora brasileira Sandra Pesavento:

75 No momento sem vinculação institucional. Mestre em História pela UFRGS, 2015

A literatura é, pois, uma fonte para o historiador, mas privilegiada, porque lhe dará acesso especial ao imaginário, permitindo-lhe enxergar traços e pistas que outras fontes não lhe dariam. [...] A literatura cumpre, assim, um efeito multiplicador de possibilidades de leitura. Estaríamos diante do “efeito de real” fornecido pelo texto literário que consegue fazer seu leitor privilegiado — no caso, o historiador, com o seu capital específico de conhecimento — divisar sob nova luz o seu objeto de análise, numa temporalidade passada. Nesta dimensão, o texto literário inaugura um *plus* como possibilidade de conhecimento do mundo (PESAVENTO, 2006, p. 2)

A literatura, pois, já foi defendida como fonte válida, plural e rica de interpretações para os historiadores, contudo, a maior parte dos trabalhos e pesquisas que vemos nessa área, partem do ponto de como a literatura pode nos auxiliar a entender algum momento e/ou processo histórico, ou ajudar a compreender algum processo do ponto de vista antropológico/sociológico. Minha premissa para essa futura pesquisa não é compreender, através da literatura, um processo histórico específico, mas sim, como certos escritores *representaram* e com isso *pensaram* sobre como a história era escrita/produzida, e isso pode ser encontrado nesses personagens *historiadores*. Se o *historiador* e seu *ofício*, seus métodos, questionamentos e dúvidas de pesquisa são colocados na forma literária por escritores, é uma evidência de que esses mesmos escritores tinham uma noção afinada de como o texto historiográfico funciona, mesmo não sendo historiadores de profissão. Sabiam que a história, muito mais que uma ciência conclusiva e exata, é muito mais aberta para as dúvidas e interpretações, tal qual a literatura. Para o futuro projeto de doutorado pretendo analisar quatro escritores diferentes, que escreveram em épocas diferentes, mas o fio que os une é esse personagem do *historiador*, sendo eles: Jean-Paul Sartre, *A náusea*; José Saramago, *História do cerco*

equatoriana onde se dá uma das principais batalhas pela independência da América do Sul ainda sob julgo espanhol). Ressalta o historiador⁷⁶: “inútil destacar o valor desse documento em que Bolívar revelou, ainda que parcialmente, o acontecido em Guayaquil” ⁷⁷ (BORGES, 2008, p. 69). Após a publicação do livro,

76 Nesse conto manteremos ao longo do corpo do texto a tradução em português realizada por Davi Arrigucci Júnior, para a edição da Companhia das Letras, 2008.

77 Original: “Inútil destacar el valor de este documento en el que Bolívar há revelado, siquiera parcialmente, lo sucedido en Guayaquil”. (Obras Completas, BORGES, vol II, 2011, p. 468).

Ricardo Avellanos, também possuidor das cartas (*fontes*) decide ofertá-las, de bom grado, a qualquer país da América Latina que queira fazer cópias das mesmas (Ricardo Avellanos no presente do conto vive em Sulaco, capital de um país “caribenho” inventado por Borges tendo como base o romance *Nostromo* de Joseph Conrad⁷⁸). Ricardo Avellanos, possuidor das cartas, não confia nos institutos históricos de seu país caribenho fictício e, por isso mesmo, resolve oferecer a consulta das cartas a qualquer país da América Latina que tenha interesse em pesquisá-las: “O doutor Ricardo Avellanos, tenaz opositor do oficialismo, negou-se a entregar o epistolário à Academia de la História e ofereceu-o a diversas repúblicas latino-americanas” ⁷⁹ (*idem*, p. 69). A Argentina, graças a um embaixador, doutor Melaza, é o primeiro país a conseguir ter o direito de examinar a carta e copiá-la. É necessário que alguém, uma única pessoa, fique incumbida de tal missão. Aparentemente, ninguém melhor do que o próprio protagonista do conto.

Ressaltemos um pouco sobre a revisão bibliográfica que é possível rastrear sobre esse conto vindo da crítica borgeseana. *Guayaquil* é certamente o conto mais trabalhado pela crítica quando a “temática” é referente à “Borges & História”, isso porque os acontecimentos que envolvem o debate entre os protagonistas sobre as cartas encontradas de Simon Bolívar teriam um respaldo histórico real. Essas cartas apócrifas realmente existem e até hoje os historiadores especialistas em história da América Latina discutem sobre a veracidade, ou falsidade, das mesmas. Este conto é comumente utilizado como “defesa” por aqueles pesquisadores que sustentam que Borges não teria sido um escritor “evasivo”, alguém que só escrevia contos que não condizem com a realidade do mundo. Aqui observaremos três distintos

78 Como é explorado por Daniel Balderston em *Out of context*, Capítulo VIII, a partir da p. 27. Os indícios que o professor Balderston utiliza para estabelecer uma relação com esse romance de Conrad e o conto *Guayaquil* são variados: em primeiro lugar em *Nostromo* também temos a aparição de uma cidade (e um porto) chamada Sulaco; em segundo o romance de Conrad também se passa em um país caribenho fictício; em terceiro à partir da relação com alguns nomes, como doutor Melaza (o embaixador da Argentina) que seria uma referência a Eduardo Colombres Mármol (Colombres Mármol teria vínculos com a história e produção do açúcar Tucumano, por isso a referência de Melaza - “melaço”), embaixador que “encontrou” as tais cartas durante a década de 1960, ou então o próprio “mais importante historiador” do país fictício cuja capital é Sulaco, citado brevemente no início do conto por nosso historiador/narrador, o capitão José Korzeniovski, que segundo Balderston é uma alusão a Joseph Conrad.

79 “El doctor Ricardo Avellanos, tenaz opositor del oficialismo, se negó a entregar el epistolario a la Academia de la Historia y lo ofreció a diversas repúblicas latinoamericanas”. (*Obras completas*, BORGES vol II, p. 469).

trabalhos sobre a obra borgeseana que tentam interpretar esse conto através dessa vertente de tentar historicizá-lo.

No livro *El universo de Borges: a ochco voces*, nos deparamos com um capítulo intitulado *Borges y el pasado argentino*, da autora Maria Sáenz Quesada, nesse, além de uma leitura da autora de como Borges teria abordado da história Argentina durante muitos de seus contos e poemas, assim como ajudou a firmar uma “argentinidade”, pelo menos no que cerne a literatura, também podemos encontrar uma sub sessão dedicada a *Guayaquil*. Diz a autora:

El cuento está basado en un hecho real, unas supuestas cartas sobre la entrevista de Guayaquil, propiedad del embajador Eduardo Colombres Mármol, que iban y venían hacia 1960 de la Academia Nacional de la Historia al Ministerio de Relaciones Exteriores y eran un asunto de estado más que un tema historiográfico a secas. En el relato ficticio, Borges se refiere al encomiable celo de nuestro embajador, el doctor Melaza, una forma de aludir al apellido Colombres, vinculado a la historia del azúcar, tucumano. Una de las cartas, exhumadas del archivo del doctor Avellanos, escrita al parecer de Bolívar, revelaba el enigma de lo ocurrido en la célebre entrevista. (QUESADA, 1999, p. 63. Grifo nosso).

O conto é baseado em um acontecimento real, é dessa forma que Quesada inicia seu parágrafo. Diferentemente de outros contos de Borges, que podem ser considerados mais “abstratos”, *Guayaquil* tem por base uma polêmica sobre documentos, que acabam por envolverem situações políticas as quais, ao menos em teoria, poderiam revelar detalhes preciosos sobre momentos cruciais da história da América do Sul, Borges aproveita desses eventos para criar sua narrativa ficcional. O professor brasileiro Júlio Pimentel Pinto (USP – História) também faz seus apontamentos sobre a historicidade, a relação com a memória e as maneiras pelas quais a história é escrita e se manifesta, que o conto *Guayaquil* é imbuído, baseando-se no diálogo entre os dois historiadores que guia o conto:

O diálogo entre os historiadores é claro na dúvida inevitável que acompanha o fazer da história e que determina a constituição de memória em torno de um dado episódio. O acesso à verdade é restrito, ainda que sua verificação seja necessária e ocorra para além dos limites colocados pela linguagem. Em “Guayaquil”, para além dos comentários acerca do encontro entre os militares ou das motivações ocultas do abandono da luta por San Martín, dá-se um sentido possível da escritura histórica, vizinha da ficção, muitas

vezes, como ela, distinta da verdade, mas composta por registros memorialísticos notáveis na base verossímil que revelam. Menos importante do que saber o que verdadeiramente se passa durante a conversação de 1822 é revelar a constituição do discurso histórico como forma de memória. É a construção do fato e da teia que o circunda, atribuindo sentidos, definindo perfis, transformando o episódio vago em foco de atenções e cenário de justificativas. (PINTO, 2000, p. 126).

Borges, nesse conto, aproveita-se justamente de um evento histórico nebuloso, repleto de lacunas, justamente para a partir desse ponto, poder ficcionalizar às custas da história, mesmo que seja para ironizá-la, como veremos adiante. Como nos lembra o professor Pinto: “Em “Guayaquil”, para além dos comentários acerca do encontro entre os militares ou das motivações ocultas do abandono da luta por San Martín, dá-se um sentido possível da escritura histórica, vizinha da ficção, muitas vezes, como ela, distinta da verdade, mas composta por registros memorialísticos notáveis na base verossímil que revelam”. (*idem*) Para além de tentar “desvendar” a história dos “grandes generais” do século XIX, *Guayaquil* será o tipo de conto no qual poderemos refletir sobre a escritura da história e, assim, o que Borges pensou sobre a mesma (refletida em suas personagens).

Nosso narrador é historiador, argentino, de família militar e aristocrata, especialista em história da América Latina, professor catédrico de uma grande universidade de Buenos Aires (a qual Borges não cita, mas podemos supor que fosse algo equivalente a Universidade de Buenos Aires - UBA) e membro da “Academia de la historia”. Ao que tudo indica a personagem seria a escolha mais óbvia do governo argentino, e é isso que ele também acha. “Esta missão coroa, com uma espécie de feliz fatalidade, o trabalho de toda minha vida, o trabalho que de certo modo trago no sangue” (BORGES, 2008, p. 75)⁸⁰. Até a aparição de outro professor, com carreira acadêmica muito mais modesta e vindo de uma universidade bem menor “Universidad del Sur”, a qual nosso protagonista sequer conhece a existência. Este é Eduardo Zimmermann, historiador estrangeiro (República Tcheca), naturalizado argentino, judeu que trocou a Europa pela América devido ao terceiro Reich alemão. O ministro das relações exteriores pede para que

80 “Esta misión corona, con una suerte de dichosa fatalidad, la labor de toda mi vida, la labor que de algún modo llevo en la sangre”. (Obras completas, BORGES, vol. II, 2011, p. 471).

ocorra uma reunião entre ambos historiadores para que decidam quem irá representar a Argentina na missão. O primeiro convida o segundo até sua casa. Inicia-se uma reunião de debates, ou melhor, um “duelo” entre *gentlemen* acadêmicos.⁸¹

O conto segue um formato de diálogo entre os dois personagens, enquanto discutem sobre a missão, sobre suas vidas, sobre a história, e enquanto saboreiam o seu café. É um conto longo se comparado ao restante da obra de Borges, dez laudas na versão em português, aqui consultada. Não nos cabe aqui detalhar o conto em seus mínimos e íntimos detalhes, mas sim ressaltar algumas passagens do diálogo que evidenciem os aspectos de pesquisa e personalidade divergentes entre esses dois historiadores, mostrando uma vez mais, as divergências dentro do próprio campo da história.

Ao final do conto, Zimmermann é o escolhido para representar a Argentina na missão, e esse é o motivo da frustração de nosso primeiro historiador, amante da história de seu país. Zimmermann consegue convencer seu anfitrião de que ele próprio seria o mais indicado, apresentando uma série de argumentos, mas também porque possuía uma *vontade* maior de viajar e conhecer a nova *fonte*. O conto também é uma reflexão sobre a filosofia de Schopenhauer, que é citado durante o diálogo, além de ser o filósofo predileto de Borges⁸².

Por fim, nas últimas cenas do conto, Zimmermann convence nosso protagonista a assinar um documento atestando que o estrangeiro é realmente o mais apto para tal missão. Ao deixar a sala de nosso narrador, elogiando o delicioso café que lhe foi ofertado, nosso primeiro historiador percebe entre os papéis do convidado/rival uma passagem aérea “Ezeiza – Sulaco” (entre o aeroporto de

81 Essa não seria a única vez em que Borges abordaria os “problemas” das disputas no meio acadêmico. Há um conto, posterior a esse, chamado O suborno (O livro de areia – 1975) que também irá abordar a temática das “disputas entre professores”. A partir de 1946, Borges começa a ministrar diversas palestras e conferências em várias universidades da Argentina e posteriormente do mundo, até anos depois ser eleito por “mérito” professor de Literatura em língua espanhola na Universidade do Texas, EUA; assim como professor de Literatura em língua inglesa na Universidade de Buenos Aires, Argentina (baseados nas biografias aqui utilizadas e no ensaio autobiográfico). Chega a assumir, durante o ano de 1967, as aulas Norton, (de Charles Eliot Norton – curso anual, na Universidade de Harvard, onde intelectuais e artistas são convidados para ministrar seis aulas ao longo do ano, sobre o tema que quiserem) na universidade de Harvard, conferindo uma série de aulas e palestras ao longo de oito meses. O resultado de parte dessas palestras está publicado no livro “This craft of verse” (O ofício do verso) (ensaio autobiográfico). Talvez, mas não somente, essa imersão nos “bastidores” do mundo acadêmico possam o ter motivado a escrever esses dois contos em questão, O suborno e Guayaquil.

82 Ver Ensaio autobiográfico

Buenos Aires e a capital do país fictício do conto), ou seja, percebe que a viagem já estava premeditada pelo tcheco mesmo antes que ele adentrasse no escritório oval cheio de relíquias de guerras. Zimmermann veio para vencer. Para convencer e não ser convencido. Essa era sua *vontade*. Agora sigamos com os trechos selecionados do diálogo que podem ajudar nossas investigações sobre os modos de *fazer/escrever* história. Não abordarei todos os trechos selecionados nessa breve apresentação oral, pois não haveria tempo hábil.

Hist.: “- O senhor já deve saber que o ministro me deu a missão de transcrever as cartas de Bolívar que um acaso exumou do arquivo do doutor Avellanos. Esta missão coroa, com uma espécie de feliz fatalidade, o trabalho de toda minha vida, o trabalho que de certo modo trago no sangue”.

Zimmermann: “- No sangue. O senhor é o genuíno historiador. Sua gente andou pelos campos da América, e travou as grandes batalhas, enquanto a minha, obscura, mal emergia do gueto. O senhor traz a história no sangue, segundo suas eloqüentes palavras; para o senhor é suficiente ouvir com atenção essa voz recôndita. Eu, ao contrário, devo me dirigir a Sulaco e decifrar papéis e papéis talvez apócrifos. Acredite-me, doutor, que o invejo”⁸³. (BORGES, 2008, p. 73).

Zimmermann é irônico e, de certa forma, zomba de seu interlocutor, o historiador argentino, “o senhor traz a história no sangue”, de certa forma é um desafio ao interlocutor que se considera tão sábio e versado no assunto, muitas vezes, o simples fato de estar identificado com alguma história “local” não vai, automaticamente, lhe converter no melhor pesquisador sobre um determinado assunto. Zimmermann sabe disso, pois é muito mais cauteloso, como veremos adiante.

Zimmermann: “ (...) Não decifrei ainda a carta de Bolívar em questão, mas é inevitável ou razoável conjecturar que Bolívar a tenha escrito para se justificar. Em todo caso, a famigerada epístola nos revelará o que poderá ser chamado de setor Bolívar, não o setor

83 Hist. “- Usted ya sabrá que el ministro me há encomendado la misión de transcribir y prolongar las cartas de Bolívar que un azar há exhumado del archivo del doctor Avellanos. Esta misión corona, con una suerte de dichosa fatalidad, la labor de toda mi vida, la labor que de algún modo llevo en la sangre.

Zimmermann “ – En la sangre. Usted es el genuino historiador. Su gente anduvo por los campos de América y libró las grandes batallas, mientras mía, oscura, apenas emergía del ghetto. Usted lleva la historia en la sangre, según sus elocuentes palabras; a usted le basta oír con atención esa voz recôndita. Yo, en cambio, debo transferirme a Sulaco y descifrar papeles e papeles acaso apócrifos. Créame, doctor, que lo envidio”. (Obras Completas, BORGES, Vol II, 2011, p. 471).

San Martín. Uma vez publicada será preciso sopesá-la, examiná-la, passá-la pelo crivo crítico e, talvez, se necessário, refutá-la. Ninguém mais indicado para esse julgamento final que o senhor, com sua lupa. O escalpelo, o bisturi, se o rigor científico o exigir!”⁸⁴ (BORGES, 2008, p. 74).

Zimmermann assume aqui um ponto de vista muito mais “cauteloso” em relação a tais fontes, sabe ele, que por mais que “reveladoras”, elas irão precisar passar pelo crivo da crítica, “sopesá-la, examiná-la, passá-la, refutá-la”. Até mesmo fazer cortes em seu conteúdo, representado pelo “bisturi”, caso necessário. É um aviso que não se deve confiar plenamente nas fontes sem antes uma análise crítica e, se possível, sem pré-conhecimentos formulados sobre o “que quer se ler ali”, algo que seria difícil ao nosso historiador exacerbado pela história de sua nação e de sua família, embriagado pela suposta importância que essa nova fonte teria. Sigamos com outro trecho do diálogo.

Hist.: “Compreendo agora que o que debatemos depois foi essencialmente inútil [pois já havia percebido sua própria derrota]. Talvez o tenha sentido então; para não lhe fazer frente, agarrei-me a um pormenor e lhe perguntei se de verdade acreditava que as cartas eram apócrifas”.

Zimmermann: “- Que sejam de punho e letra de Bolívar – respondeu-me – não significa que toda a verdade esteja nelas. Bolívar pode ter querido enganar seu correspondente ou, simplesmente, pode ter se enganado. O senhor, um historiador, um meditativo, sabe melhor do que eu que o mistério está em nós mesmos, não nas palavras”.⁸⁵ (BORGES, 2008, p. 74).

Zimmermann: “ – As explicações são tantas... Alguns conjecturam que San Martín teria caído numa cilada; outros, como Sarmiento, que seria um militar europeu, extraviado num continente que ele não compreendeu jamais; outros, em geral argentinos, atribuíram-lhe um

84 “(...) No he delectreado aún la pertinente carta de Bolívar, pero es enevitable o razonable conjeturar que Bolívar la escribió para justificarse. En todo lo caso, la cacareada epístola nos revelará lo que podríamos llamar el sector Bolívar, no el SECTOR San Martín. Una vez publicada, habrá que sopesarla, examinarla, pasarla por el cedazo crítico y, si es preciso, refutarla. Nadie más indicado para esse dictamen final que usted, con su lupa. El escalpelo, el bisturí, si el rigor científico los exige!

85 “Compreendo ahora que lo que debatimos después fue esencialmente inútil. Acaso entonces lo sentí; para no hacerle frente, me así de un pormenor y le pregunté si en verdad creía que las castas era apócrifas.

- Que sean de puño y letra de Bolívar - me contestó – no significa que toda la verdad esté en ellas. Bolívar puede haber querido engañar a su correspondiente o, simplemente, puede haberse engañado. Usted, un historiador, un meditativo, sabe mejor que yo que el misterio está en nosotros mismos, no en las palabras”. (Obras Completas, BORGES, Vol. II, p. 472)

ato de abnegação, outros, de cansaço. Há aqueles que falam da ordem secreta de não sei que loja maçônica.

Hist.: Observei que, de qualquer modo, seria interessante recuperar as exatas palavras que disseram o Protetor do Peru e o Libertador.

Zimmermann sentenciou:

Zimmermann: “- Talvez as palavras que trocaram tenham sido triviais. (...)”⁸⁶ (BORGES, 2008, p. 75).

Nesse trecho do diálogo temos falas brilhantes de Zimmermann sobre o *texto histórico*, em primeiro lugar elenca uma lista de teorias sobre o que, de fato, poderia ter acontecido no tal diálogo entre Bolívar e San Martín, e no fim das contas, assume que não temos como realmente saber, o *passado em si* não tem como ser alcançado em sua plenitude, os textos historiográficos são espécie de filtros plausíveis, mas não são *de fato* o que aconteceu. Por fim, ainda acrescenta, talvez a tal conversa entre eles, e o conteúdo das cartas, sejam triviais. Não podemos cair em armadilhas de vermos coisas nas fontes que as fontes não estão necessariamente dizendo. Algo semelhante irá acontecer também em *Respiração artificial* de Ricardo Piglia. Avancemos para a segunda obra.

Respiração artificial (1980), de Ricardo Piglia, é um livro labiríntico em muitas formas, sua leitura é densa e aberta para muitos sentidos e interpretações que os leitores podem tomar. Também é uma amostra do nível de erudição de seu autor, Ricardo Piglia, não por acaso é considerada pelos críticos como sua maior obra, importante frisar que pelos críticos, pois talvez os leitores convencionais de sua obra não compartilhem da mesma opinião. Os personagens são diversos, extremamente densos e bem elaborados, por mas que o livro seja relativamente curto para um romance, com um pouco menos que 200 páginas.

É subdividido em duas grandes partes; a primeira se chama *Se eu mesmo fosse o inverno sombrio*, que possui um estilo quase inteiramente epistolar, ou seja, é uma troca de correspondências, entre Emilio Renzi (nosso protagonista e álter-

86 “- Las explicaciones son tantas... Algunos conjeturan que San Martín cayó en una celada; otros, como Sarmiento, que era un militar europeo, extraviado en un continente que nunca comprendió; otros, por lo general argentinos, le atribuyeron un acto de abnegación; otros, de fatiga. Hay quienes hablan de la orden secreta de no sé qué logia masónica. Observé que, de cualquier modo, sería interesante recuperar las precisas palabras que se dijeron el Protector del Perú y el Libertador.

Zimmermann setenció:

- Acaso las palabras que cambiaron fueron triviales (...) (Obras Completas, BORGES, Vol. II, p. 472).

ego de Ricardo Piglia) e seu misterioso tio desaparecido, Marcelo Maggi, professor de história e historiador.

Essa própria parte inicial é subdividida em subpartes: na primeira temos o primeiro contato, via cartas, entre Emílio e Marcelo, uma mistura de debate político sobre a história da Argentina, questões de filosofia variada e assuntos do cotidiano, aqui será introduzido o personagem que é objeto de estudo de Marcelo Maggi, um sujeito chamado *Enrique Osório*. Marcelo estava tentando, ao longo dos anos, escrever e organizar a história e as ideias desse homem, personagem muito peculiar do século XIX, e que contaria “a verdadeira história da Argentina” no tempo de Rosas. Na segunda subparte temos o encontro, a pedido de Marcelo Maggi, entre Emílio Renzi e o sogro de Marcelo, o senador Don Luciano Osório (descendente direto de Enrique Osório, seu neto). A terceira subparte é o momento mais confuso de toda a narrativa; trata-se de uma série de cartas que estão sendo lidas e analisadas por Francisco José Arocena, um censor do regime militar instaurado na Argentina.

Toda a narrativa central do livro se passa entre 1976 e 1979, isso é anunciado logo na primeira página, esse período também é conhecido como o mais duro e cruel da junta militar que governou à Argentina entre 1976-1983, no último dos golpes militares que a Argentina viveu durante o século XX. A ditadura militar não é citada de forma direta, nem debatida, em momento algum do livro, mas ao mesmo tempo, ela está presente por todo ele como uma espécie de sombra que acompanha as personagens. Arocena, que é introduzido de forma enigmática e obliqua, lê diversas cartas e tenta achar nelas códigos, tenta decifrar e interceptar os planos dos “subversivos inimigos do estado”.

As cartas que Arocena analisa como censor não são necessariamente referentes à história principal da narrativa, temos, por exemplo:

- Pai que escreve ao filho que foi embora (fugido da ditadura) para Ohio, EUA. (Por mas que também não temos certeza se foi realmente para Ohio).

- Irmã que escreve à irmão que está fazendo doutorado na Inglaterra, sobre um amor platônico e incestuoso que ela deseja ardentemente, entre os dois.

- Sujeito que foi assaltado na Colômbia e está completamente sem dinheiro e precisando de ajuda.

- MAS, em algumas delas temos às cartas de Enrique Osorio, ainda do século XIX (o que não deixa de ser um mistério, afinal como Arocena teve acesso à essas cartas?), falando sobre seu exílio e sobre o desejo que tinha de escrever um romance utópico, onde um historiador receberia cartas do futuro que não lhe eram endereçadas, vindas da Argentina de 1979, e à partir delas teria que escrever uma história. As *cartas do futuro* necessitam uma análise à parte, e certamente terá seu espaço de discussão na futura tese.

- E cartas de Emilio Renzi marcando seu encontro com Marcelo Maggi, na pequena cidade de Concórdia, província de Entre Rios, que nos leva até a segunda parte do romance.

A segunda parte se chama *Descartes*, e, como o próprio título induz é muito mais filosófica e ensaística que a primeira, sobre os assuntos mais variados. O estilo de escrita realmente muda. Sua leitura é mais fluida que a primeira parte, mais linear, mas não menos densa, pelo contrário, o número de referências aumenta de maneira exponencial. Nessa parte somos apresentados a outro núcleo da trama, à pequena cidade de Concórdia, na província de Entre Rios. Já conhecíamos superficialmente a cidade e seus habitantes/personagens graças às cartas de Marcelo Maggi, mas agora Emilio Renzi terá de fato contato com a experiência da *cor local*, com destaque para dois personagens, Marconi, poeta e escritor local, e Taderwsky, que se escreve Tadorwsky mas os argentinos sempre erram a pronúncia, filósofo amador (ex-orientando de Wittgenstein), enxadrista, e o melhor amigo do professor Marcelo Maggi. Taderwsky também é um polonês exilado da segunda guerra mundial, assim como Zimmermann, do conto de Borges, algo que ainda pretendo explorar adiante na tese, pois afinal isso é algo fundamental na formação de Taderwsky.

É Taderwsky que recebe Renzi na estação de trem e dá a notícia que Marcelo Maggi precisou viajar para resolver “certas coisas”, mas que voltaria até o amanhecer do dia seguinte. Taderwsky se torna o anfitrião de Renzi durante aquela noite/madrugada, onde os dois, além de beberem bastante, conversam, sobre uma variedade vertiginosa de assuntos e temas.

Na aurora do novo dia o professor Maggi ainda não retornara então Taderwsky segue as instruções que o próprio professor lhe deixará. Se não voltou é

porque não voltará (algo aconteceu? Não sabemos.), os papéis de Osório, seu bem mais precioso devem ser confiados ao seu sobrinho Emilio Renzi. O livro acaba e não temos nenhuma grande revelação contida nos papéis, como a narrativa parecia nos guiar, pelo menos não é apresentada ao leitor. Emilio Renzi lê, no último parágrafo do livro, um trecho da carta de suicídio de Enrique Osório, confiando seu corpo e papéis a um amigo.

O que houve com Marcelo Maggi?

1 – Se suicidou, depois de ter passado anos frustrado, tal como seu objeto de estudo?

2 – Foi capturado pela ditadura militar? Graças, quem sabe, às intervenções do censor Arocena, que tinha acesso à suas cartas?

3 – Foi para o Uruguai rever sua ex namorada, e por lá ficou?

4 – Ou simplesmente abandonou sua pesquisa? Se abandonou, foi por que estava cansado? Ou simplesmente não via que ali pudesse haver uma revelação de uma *verdadeira história da Argentina*? Mas, ainda assim, deixa os papéis de Osório à seu sobrinho escritor, como uma espécie de herança?

4 – Outro motivo? Quem sabe...

Localizar a voz de Marcelo Maggi talvez seja um dos principais desafios para a futura tese que pretendo desenvolver. Na primeira parte temos mais acesso às falas de Maggi, através de suas cartas. Na segunda parte do livro, por exemplo, sua voz é ausente, só sabemos dele através de Taderwsky, que narra sua própria visão, sobre o historiador Maggi. Verifiquemos algumas dessas vozes que já rastreei, e que pretendo utilizar como fontes, para analisarmos às questões sobre o *ofício do historiador* que Marcelo Maggi levanta em sua busca por compreender os *papéis de Osório*. Bom, antes de tudo falemos sobre o que são os *papéis de Osório*.

Maggi utilizava os documentos inéditos conservados pela família Osório durante quase cem anos. São esses os papéis que o pai de Esperancita deposita em suas mãos: textos, cartas, informes e um *diário* escrito por Osório na América do norte. Mantinham a caixa fechada desde os tempos de Mitre, escreve-me Maggi. Os papéis chegaram de Copiapó junto com o ouro que Osório juntara na Califórnia. Podemos dizer que a história da família se bifurca nesse ponto. De um lado está aquela fortuna, com a qual (como calculara o próprio Osório) seria possível comprar

a liberdade de cinco mil escravos negros, como se alguém pudesse ter a ideia de utilizar aquela riqueza para comprar a liberdade de cinco mil escravos negros. De outro lado a caixa, os papéis, as recordações da infâmia. (PIGLIA, 2010, p. 25)

Logo, temos um arquivo pessoal desse personagem⁸⁷, Enrique Osório, mas o que Marcelo Maggi acaba descobrindo é que organizar *a narrativa de uma vida* não é uma tarefa nada simples, e por vezes se encontra completamente perdido e frustrado ao tentar interpretar e condensar o material de suas fontes de pesquisa, como no trecho que segue:

Estou me sentindo como se estivesse perdido na memória dele [Enrique Osório], escrevia-me, perdido numa selva onde tento abrir o caminho para reconstruir o rastro dessa vida entre os restos e os testemunhos e as notas que proliferem, máquinas do esquecimento. Sofro da clássica desventura dos historiadores, escrevia-me Maggi, embora não passe de um historiador amador. Sofro dessa desventura clássica: ter querido me apropriar daqueles documentos para decifrar neles a certeza de uma vida e descobrir que são os documentos que se apoderam de mim e me impuseram seus ritmos e sua cronologia e sua verdade particular. Sonho com aquele homem, escrevia-me. Vejo-o tal como numa litografia de época: magnânimo, desesperado, tendo nos olhos o brilho febril que o levou à morte. Foi-se fixando cada vez mais numa obsessão suicida que, ao mesmo tempo, encerrava toda a verdade de uma época. Dizem que foi traidor: há homens destinados pela história à traição, e ele foi um desses. Mas sempre soube disso, escrevia-me Maggi, soube-o desde o início e até o fim, como se tivesse compreendido, que seu destino era aquele, seu modo de lutar pelo país. (PIGLIA, 2010, p. 23)

Já em outros momentos, Maggi debate e expõe à Renzi suas metodologias de pesquisa, como queria trabalhar o texto histórico/biográfico, quais são suas perguntas e seus problemas na pesquisa, afinal, o que pretende *desvendar* e organizar em forma de *narrativa* sobre a vida desse homem, como no trecho que segue:

De saída está claro para mim, não se trata de escrever no sentido clássico, chamamos de biografia. Temos, antes, mostrar o movimento histórico embutido nessa vida tão *excêntrica*. Por exemplo: Osório não realça uma tendência latente na história da constituição de um grupo de intelectual autônomo na Argentina a

87 Marcelo Maggi somente casou com Esperancita, filha do senador Don Luciano Osório e bisneta de Enrique Osório, pois queria justamente se apossar desses papéis. Casa, rouba às fontes, e depois foge da vida de sua família. Marcelo Maggi é tão apaixonado por suas fontes que chega a dar um golpe por elas.

época de Rosas? Seus escritos não são o avesso de Sarmiento? Além disso, há várias incógnitas. Ele foi, de fato, um traidor? Ou seja, manteve-se sempre ligado à Rosas? Tenho várias hipóteses teóricas que são ao mesmo tempo modos diferentes de organizar o material e de ordenar a exposição. E preciso, antes de mais nada, reproduzir a *evolução* que define a existência de Osório, esse sentido tão difícil de captar. *Aparentemente* oposto ao movimento histórico. Há uma espécie de excesso, um saldo utópico em sua vida. Mas, escrevia o próprio Osório (escrevia-me Maggi), o que é o exílio se não uma forma de utopia? O desterrado é o homem utópico por excelência, escrevia Osório, escrevia-me Maggi, vive na constante nostalgia do futuro.

Tenho certeza, além disso, de que a única maneira de captar essa ordem que define seu destino é alterar a cronologia: ir do delírio final até o momento em que Osório participa, com o resto da geração romântica, da fundação dos princípios e razões daquilo que chamamos de Cultura Nacional. Assim, por meio dessa inversão, talvez seja possível captar o que *expressam* as desventuras desse homem. (PIGLIA, 2010, p. 27)

Maggi, inclusive, se torna tão obcecado com seu personagem/objeto de estudo, que procura aulas particulares de filosofia sobre Vico e Hegel, pois Pedro de Angelis, que havia sido mentor de Enrique Osório, era especialista nas relações entre esses dois filósofos, é assim que ele conhece Taderwsky. Tentando assim reconstruir a trajetória intelectual de seu objeto de pesquisa, para tentar compreender sua “mente”. Mas será mesmo que esse caminho o levaria à alguma resposta? O livro em si, não deixa claro, mas deixa evidente às tentativas de Marcelo Maggi em organizar seus estudos e pesquisa.

Por fim, para não me alongar mais, gostaria de trazer uma voz do próprio Enrique Osório, temos acesso à muitos de seus pensamentos através de duas fontes escritas distintas: a primeira delas são uma série de cartas que o mesmo escreveu ainda no século XIX, e que nós (leitores) temos acesso através de Aroucena, o censor da ditadura, a segunda é pelo *diário*, que estava junto com os *papéis de Osório*. Nesse trecho específico, temos o próprio Enrique Osório demonstrando claras dificuldades em lidar com seu próprio arquivo pessoal, ou seja, as *fontes* não estavam organizadas nem mesmo para aquele que as produziu, o que dirá então para um historiador que busca compreendê-las mais de um século depois.

À minha frente vejo uma tesoura, um tinteiro, as folhas brancas que esperam por minhas palavras. Escrevo:

Esses papéis do passado que guardo numa caixa são meu zoológico particular: ali estão trancadas feras de tamanhos reduzidos: lagartos, ratos, serpentes de pele fria. Basta abrir a tampa para ver como se movem, minúsculos, tal como as minúsculas placas de gelo que navegam em meu sangue. No redil da história apascento os animais da manada: alimento-os com a carne de meus próprios pensamentos.

Diante de mim vejo as páginas brancas que esperam por minhas palavras na noite. Escrevo. Só minha pena rasga o papel.

Esta noite, ao mergulhar a mão direita na caixa onde guardo meus papéis, os animais subiram até meu antebraço, moviam as patinhas, as antenas, tentando sair para o ar livre. Esses répteis que se arrastam por minha pele pela cada vez que resolvo mergulhar a mão no passado provocam em mim uma infinita sensação de repugnância, mas sei que o roçar escamoso de seus ventres, o contato afiado de suas patas, é o preço que tenho de pagar toda vez que quero comprovar quem fui. (PIGLIA, 2010, p. 77)

Esse trecho, do qual já estou carinhosamente chamando de *zoológico das fontes* demonstra, com uma escrita muito bela (e asquerosa) como é difícil constituirmos um arquivo pessoal. Enrique Osório acreditava que seus papéis eram importantes, mais do que isso, que seu *papel* em vida, e para a história da Argentina tinham sido muito importantes, mas mesmo assim, sentia um verdadeiro asco ao visitar suas anotações, ao rever sua própria vida, ao tentar “comprovar quem fui”. Como já falei, imagine então, para o historiador, que tenta interpretar e organizar esses mesmos papéis, mais de um século depois de escritos. Os insetos e répteis estariam realmente furiosos querendo escapar.

Concluindo, esses são apenas alguns trechos (mas não todos) dessas duas obras, de Borges e Piglia, onde a figura do *historiador* representado através da literatura aparece. Seus questionamentos, angústias, métodos de pesquisa, pensamentos sobre filosofia da história, sobre a escrita e produção do texto historiográfico, entre outros, são questões que pretendo debater ao longo da vindoura tese

Referências bibliográficas:

BALDERSTON, Daniel. **Out of context**: Historical reference and representation of reality in Borges. Durham (North Caroline: EUA; London: UK): Duke University press, 1993.

BORGES, Jorge Luís. **O informe de Brodie**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Obras completas**, Vol. II (1952-1972). Buenos Aires: Sudamericana, 2011.

Mundo/Mundos Nuevos, Paris, 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>>. Acesso em: 15 de Novembro 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & literatura: uma *velha-nova* história**. *Nuevo*

PIGLIA, Ricardo. **Respiração artificial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

PINTO, Júlio Pimentel. **Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luís Borges**. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998

QUESADA, María Sáenz. Borges y el pasado argentino. In: **El universo de Borges: a ocho voces**. Buenos Aires: Secretaria de Cultura de La Nación, 1999.